

1 – Metabolismo social da cidade

Ruben George Oliven

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEN, RG. *Metabolismo social da cidade e outros ensaios* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 1 – Metabolismo social da cidade. pp. 2-9. ISBN: 978-85-7982-012-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

1 – METABOLISMO SOCIAL DA CIDADE

1.1 - O episódio

Em 1964, no calmo bairro residencial de Queens, em New York, uma moça de 28 anos, Catherine Genovese, foi morta a punhaladas por um louco homicida. O fato ocorreu aproximadamente às três horas da manhã e 38 pessoas assistiram, por trás das janelas de seus lares, ao crime, que durou trinta minutos. Ninguém fez qualquer coisa para impedir a morte de Catherine, que estava a apenas trinta metros da porta de sua casa quando recebeu a última punhalada.

Nenhuma das testemunhas do crime tomou qualquer atitude para evitá-lo. Se alguém tivesse telefonado à polícia, esta poderia estar no local em poucos minutos. Entretanto, a polícia recebeu um primeiro telefonema depois de Catherine ter morrido.

Como explicar este acontecimento que teve repercussão mundial e inspirou algumas peças teatrais?

1.2 - A cidade como pólo de irradiação e atração

A cidade funciona como um pólo de irradiação e de atração em relação ao campo e às cidades menores. À primeira vista a força deste pólo é diretamente proporcional a seu tamanho. Entretanto, o poder de irradiação e atração de uma cidade não é fruto exclusivo do número de seus habitantes, mas também da concentração de equipamentos e de atividades e da vida social nela existente.

Um bom indicador desta força é o grau informativo das cidades. Richard Meier (1962) estima que nas grandes metrópoles cada cidadão receba 100 milhões de informações por ano, ou seja, cem vezes mais do que ocorre na média das cidades menos desenvolvidas.

A cidade transmite uma série de mensagens que chegam ao campo e cidades menores, lá exercendo um forte fascínio. Ela é vista como um lugar onde é possível ascender social e economicamente, onde os rígidos controles sociais do meio rural inexistem e onde é possível dar vazão às aptidões e vocações individuais.

A cidade realmente oferece maior número de oportunidades individuais. O número de comportamentos alternativos é muito maior

que no campo ou nas pequenas cidades, onde as excentricidades não são tão facilmente aceitas.

Na cidade é possível viver num doce anonimato sem o controle que se verifica no campo. O elemento vergonha - muito forte no meio rural - é bem mais tênue na cidade, onde os comportamentos considerados excêntricos no campo são tolerados e no qual as peculiaridades individuais são diluídas e aceitas.

A cidade funciona, sob este aspecto, como um cadinho que tolera e reforça as diferenças individuais.

A situação da cidade como um pólo de irradiação e atração acentua-se cada vez mais com a grande utilização dos meios de comunicação de massa. Forma-se uma pressão dos valores urbanos que não encontram possibilidade de realização no meio rural. A cidade invade o campo (e as cidades menores) bombardeando-o de mensagens e estende sua atração até ele.

1.3 - O êxodo rural

Visando a maiores oportunidades sociais, econômicas ou culturais, as pessoas abandonam o campo e dirigem-se à cidade. Para esta, trazem seus antigos hábitos e padrões que nela persistem. A própria maneira de perceber a nova realidade é feita com os antigos padrões.

O ajustamento à cidade vem acompanhado de dificuldades características das fases de transição e, até que ocorra a aceitação e integração de novos padrões e valores, é frequentemente caracterizado por um processo de anomia pessoal e social.

Anomia (pessoal), segundo MacIver, significa "o estado de espírito de alguém que foi arrancado de suas raízes morais, que já não segue quaisquer padrões mas somente necessidades avulsas, que já não tem qualquer senso de continuidade, de grupo e de obrigação. O homem anônimo tornou-se espiritualmente estéril, reage somente diante de si mesmo, não é responsável para com ninguém. Ele ri dos valores de outros homens. Sua única fé é a filosofia da negação. Vive

sobre a débil linha da sensação entre nenhum futuro e nenhum passado. A anomia é um estado de espírito no qual o senso de coesão social - mola principal da moral - está quebrado ou fatalmente esquecido?"^a.

Merton afirma que a anomia (social) é "concebida como uma ruptura na estrutura cultural, ocorrendo, particularmente, quando há uma disjunção aguda entre as normas e metas culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos membros do grupo em agir de acordo com os primeiros. Conforme esta concepção, os valores culturais podem ajudar a produzir um comportamento que esteja em oposição aos mandatos dos próprios valores"^b.

Disto pode-se inferir que existe não somente uma marginalidade econômica ocasionada pela incapacidade do sistema econômico absorver o contingente formado pelo êxodo rural, mas também uma marginalidade psicossocial decorrente da dificuldade de entender a cidade e de assimilar seus valores.

Uma das principais características do meio rural é a sensação de pertencer a algo. No campo, o indivíduo, qualquer que seja sua posição social, tem nítida consciência de fazer parte de grupos. A família é um grupo sólido, a vizinhança também o é. Igualmente, a posição individual dentro da comunidade é bem definida. As relações individuais baseiam-se predominantemente em contatos primários e diretos.

A cidade como pólo de atração é vista como um sistema inclusivo. E é justamente sua inclusividade que funciona como força de atração. O indivíduo que consegue chegar à perimetria deste sistema quer estar nele incluído.

A cidade, entretanto faz com que os antigos vínculos do indivíduo sejam enfraquecidos ou rompidos sem oferecer uma alternativa que compense imediatamente esta perda.

Com o êxodo rural, a família grupo primário por excelência é acentuadamente modificada. Ela deixa de ser extensa e torna-se

^a MERTON, Robert K. Sociologia, Teoria e Estrutura. São Paulo, Mestre Jou, 1970. P.236.

^b Ibid.

nuclear. A autoridade paterna é consideravelmente diminuída, quando não entra em falência como entidade tal como é concebida no campo. Neste, a família é uma célula de produção e de consumo, enquanto na cidade ela não desempenha nenhum destes dois papéis, pois cada membro trabalha noutro local e o consumo de refeições, por exemplo, frequentemente é feito perto do local de trabalho.

Os grupos aos quais o indivíduo se filia são divergentes, pois cada um deles atende a uma necessidade ou interesse específico, envolvendo apenas um aspecto de sua personalidade e contribuindo, por conseguinte, para sua fragmentação e marginalidade psicossocial.

Nas comunidades rurais ou nas sociedades menos diferenciadas, os grupos aos quais o indivíduo deve fidelidade obedecem a uma ordenação hierárquica. Como, na cidade, "os grupos aos quais a pessoa está tipicamente filiada são tangenciais uns aos outros ou se entrecortam de forma altamente variada e nenhum grupo isolado é possuidor de fidelidade exclusiva do indivíduo"^c, este fica desorientado, sem saber a que grupo pertence integralmente.

Esta desorientação nada mais é do que a dificuldade de perceber e compreender a nova estrutura na qual está vivendo. E como a principal característica desta estrutura (a cidade) é o seu rápido ritmo de auto-transformação, torna-se impossível captá-la no seu sentido estático. São os antigos padrões de percepção que impossibilitam ao indivíduo perceber a nova realidade dinâmica.

A estrutura social também é menos rígida e mais complexa no meio urbano, possibilitando ao cidadão um status mais flutuante que no campo. Sua vida social envolve uma grande variedade de tipos de indivíduos com os quais se depara nos grupos sociais diferenciados que compõem a estrutura social na cidade. Por isto, o cidadão "tende para a aceitação da instabilidade e insegurança no mundo como norma geral. Esse fato contribui, também, para a sofisticação e o cosmopolitismo do habitante da cidade"^d.

^c WIRTH, Louis. "O Urbanismo como modo de vida". In VELHO, O . G. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. P.113).

^d Ibid.

Torna-se claro porque as cidades, principalmente as grandes cidades, encontram-se em equilíbrio instável.

1.4 - A cidade e seu metabolismo

Chama-se de metabolismo social da cidade sua capacidade de moldar o caráter da vida social a sua forma especificamente urbana. Isto implica em saber qual é o grau de integração do indivíduo na cidade.

Vimos que a cidade tende a substituir os contatos e o relacionamento subjetivos por um padrão baseado na objetividade e no interesse específico. Isto alivia a pressão, o controle e o envolvimento existentes no meio rural, dando ao indivíduo maior liberdade. Entretanto, por ser grande demais, a cidade não lhe dá a sensação de a ela pertencer. Ele sente-se mais facilmente isolado que integrado neste sistema que ainda não captou ou conseguiu compreender.

O primeiro movimento do recém-chegado à cidade ainda é de pertencer a algo. Logo perceberá que os novos vínculos que tenta estabelecer são bem mais fluidos e que os grupos a que pertencem são muito menos sólidos. A maior parte de seus contatos passa a ser secundária. Sua vizinhança, por exemplo, não é mais aquele grupo coeso, mas algo bastante fluido, no qual existem pessoas de posições mais altas e mais baixas que as suas e de cuja existência ou tipo de vida não tem noção. Os edifícios são um exemplo típico disto. Desconhecer quem é o morador do apartamento de baixo ou de cima é um fato corriqueiro.

O novo tipo de família que se constitui passa a ter novos papéis e características. O que ela perde em extensão e quantidade, teria condições de ganhar em profundidade, já que é o único grupo na cidade onde o indivíduo tem maiores possibilidades de integrar todos seus aspectos no relacionamento.

Igualmente para a socialização da criança, a família nuclear urbana exerce um papel mais preponderante que no campo, no qual a

criança em idade de socialização sofre influência não só dos pais, mas de outros parentes e vizinhos.

Ocorre que o indivíduo é submetido às mais diversas formas de contato no meio urbano. Se a família é muito importante na socialização da criança na cidade, a própria cidade se encarrega, mais tarde, de se constituir em um modelador de sua personalidade, posto que a submete a diferentes situações e lhe fornece informações.

1.5 - As regras do jogo

A cidade caracteriza-se simultaneamente por sua tolerância e indiferença em relação à vida de seus habitantes.

A aspiração a incluir-se no sistema em que a cidade se constitui faz com que os indivíduos aprendam as regras de seu jogo. Cada um está interessado em ser bem sucedido nesta tarefa. O que importa, portanto, é o sucesso pessoal e não o coletivo. Interessa vencer apenas.

Isto, evidentemente, cria uma indiferença para com os demais. A indiferença, igualmente, é um mecanismo de defesa que o indivíduo cria para poder suportar as tensões a que é submetido diariamente. O conhecido exemplo de muitos não pararem para assistir a alguém que está caído na rua não significa apenas que o cidadão comum não tem tempo a perder na luta diária, mas que se ele for se angustiar com todos os fatos que presencia, sua carga de angústia se tornaria intolerável, impedindo-o de prosseguir.

A maior tolerância que se verifica na cidade é consequência da indiferença. Ambas estão intimamente associadas constituindo-se em faces opostas de uma mesma moeda.

Este contínuo indiferença/tolerância explica, igualmente, mais alguns fenômenos.

O primeiro deles é o que se chama de contraculturas. Estas são formadas por grupos, geralmente jovens, que se recusam a aceitar as regras do jogo que se desenvolve nas grandes cidades. Não se trata de um grupo que tenta se integrar ou combater o sistema, mas de uma

contestação que se materializa sob forma de recusa. O exemplo mais atual são os hippies. Ocorre que a relativa tolerância (maior ou menor, de acordo com o grau de urbanização e desenvolvimento do lugar) para com o fenômeno acabou por neutralizá-lo, e de certa forma reintegrá-lo na medida que várias de suas características foram incorporadas e até comercializadas pelo sistema, através de slogans (faça o amor, não a guerra) veiculados pela publicidade ou através de produtos (principalmente a indumentária). Este processo de pseudo-absorção de ideias e costumes hippies conseguiu neutralizar a contestação que o mesmo apresentava no seu surgimento.

O segundo fenômeno é o que Riesman (1950) chama de multidão solitária. Esta é composta por indivíduos que não possuindo o arraigamento e identificação com os valores que o meio rural proporciona, tampouco conseguem identificar-se e assumir uma identidade na cidade. Rodeados constantemente por outros indivíduos, podendo gozar o doce anonimato são no entanto uma massa de solitários que sente a grande cidade como um ambiente de extrema frieza.

O terceiro fenômeno é a procura da privacidade. Submetido diariamente aos mais variados contatos e tensões, o indivíduo sente-se invadido em sua intimidade pela constante necessidade de enfrentar e responder a situações e problemas. O anseio pela privacidade caracteriza uma necessidade de recolhimento e introspeção em busca de restabelecer o equilíbrio pessoal.

O quarto fenômeno é representado pelo episódio relatado no início deste ensaio. O contínuo indiferença/tolerância nos permite agora compreender porque nenhuma das trinta e oito testemunhas tomou qualquer atitude senão a de assistir ao crime. O acontecimento, visto à luz desta explicação, nos permite perceber que não se trata de julgar as testemunhas, mas de compreender o que houve de subjacente a sua passividade e não-envolvimento.

Bibliografia Consultada

1. MEIER, Richard. *A communication theory of urban growth*, Cambridge, M.I.T., 1962.
2. MERTON, Robert K. *Sociologia, Teoria e Estrutura*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
3. RIESMAN, David. *The lonely crowd*. New Haven, Yale University, 1950.
4. WIRTH, Louis. "O Urbanismo como Modo de Vida". In: VELHO, O. G. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 97-122.